

RAMAYANA: UM MODO DE VIDA SAGRADO

Data: 18/04/2005 – Ocasião: Dia de Rama¹ - Local: Prasanthi Nilayam

*Mais doce que o açúcar, mais saboroso que a coalhada,
mais doce até do que o mel é o Nome de Rama.*

*A constante repetição deste doce Nome dá ao indivíduo
o sabor do próprio néctar divino.*

Portanto, deve-se contemplar incessantemente o Nome de Rama.

(Poema em Télugo)

O Ramayana representa um caminho sagrado, uma porta santificada para Divindade, um modo de vida sagrado. O Ramayana não é simplesmente a biografia de um indivíduo. Todos os personagens deste épico são igualmente importantes. Dasaratha distribuiu o creme sagrado que recebeu do *Yajna Purusha*² dividindo-o igualmente entre suas três esposas. Kausalya recebeu sua porção com alegria e a levou para seu quarto de orações. Kaikeyi fez o mesmo. Cada uma delas se sentia feliz por pensar que seu filho poderia ser o herdeiro do trono de Ayodhya. Sumitra, no entanto, não tinha tal desejo. Ela levou seu recipiente com creme para o terraço e colocou-o no parapeito enquanto secava seu cabelo ao Sol. Todo o tempo ela permaneceu na contemplação de Deus. Enquanto ela ali estava, uma águia mergulhou e levou embora a vasilha com o creme sagrado. Ela ficou chocada e perturbada pensando na repreensão que teria de ouvir do marido por ser descuidada. Imediatamente, correu escada abaixo para informar Kausalya e Kaikeyi sobre o que acontecera. Diferentemente das esposas da atualidade, as três rainhas tinham muito amor e afeição umas pelas outras. Kausalya e Kaikeyi abraçaram Sumitra e a consolaram, dizendo: “Irmã! Porque ficar tão perturbada assim? Nós três somos uma só e vamos compartilhar nossos cremes com você.” Kausalya e Kaikeyi, em seguida, foram até suas respectivas câmaras de oração e trouxeram suas vasilhas. Cada uma delas deu metade do seu conteúdo para Sumitra. Esta sentiu grande alívio e expressou sua gratidão às irmãs. As três rainhas ofereceram suas porções de creme a Deus e o ingeriram. Pouco depois elas engravidaram. A primeira a entrar em trabalho de parto foi Kausalya, que deu à luz um menino. Então, Kaikeyi foi abençoada com um filho. Logo em seguida, Sumitra deu à luz dois filhos. Ela, na verdade, não tinha qualquer desejo de ter filhos, mas foi abençoada com dois. Aceitou-os como frutos da Vontade Divina e ficou muito feliz. As três rainhas aguardavam pela vinda do Rei Dasaratha para abençoar seus filhos. Ele visitou cada uma delas e abençoou as crianças. Foi nesse momento que Sumitra revelou ao rei o incidente da águia ter levado sua vasilha e das suas irmãs Kausalya e Kaikeyi terem dividido suas porções com ela. Esta foi a razão pela qual teve dois filhos.

O Rei Dasaratha pediu ao Sábio Vasishtha, o preceptor da família, que batizasse os recém-nascidos. O Sábio Vishwamitra também foi convidado para a cerimônia. Muitos sábios, estudiosos dos Vedas e eminentes personalidades convidadas para a cerimônia do batismo ficaram encantadas pela beleza etérea das crianças. Os Sábios Vasishtha, Vishwamitra e outros abençoaram os meninos cantando Mantras Védicos. Todos se perguntavam porque Sumitra tinha dois filhos enquanto que Kausalya e Kaikeyi haviam sido abençoadas com somente um filho, cada uma. Como pode alguém compreender os caminhos do Senhor? Tudo aconteceu conforme a Vontade de Deus. O Sábio Vasishtha deu ao filho de Kausalya o nome de Sri Rama, porque o Menino tinha em si o poder da atração. *Aquilo que atrai é o princípio de Rama*³. O nome “Rama” foi atribuído a Ele de acordo com a estrela sob a qual nascera. Sua forma era brilhante e esplendorosa. De acordo com a tradição, Vasishtha escreveu o nome Rama no arroz. Em seguida, o Sábio deu ao primeiro filho de Sumitra o nome de Lakshmana, pois ele tinha a aparência de uma pessoa valorosa e sua face brilhava com todos os atributos auspiciosos. Ele batizou o segundo filho como Satrugna, declarando que ele destruiria todos os inimigos (*satrus*). Vasishtha, então, aproximou-se do lugar onde Kaikeyi estava sentada com seu filho no colo. Ela transbordava de

¹ Contexto: O nascimento do Senhor Sri Rama, o Avatar que encarnou a Retidão, é celebrado pelos Hindus como Sri Rama Navami, um festival de nove dias celebrado no mês de abril (Chaitra), ocasião em que o Senhor Vishnu assumiu sua sétima Encarnação Divina como o Senhor Rama, nascido para destruir Ravana, o Rei dos Demônios.

De acordo com Sathya Sai Baba, “Sri Ramachandra nasceu em um dia no qual o planeta Shukra (Vênus) entra no signo de Peixes (Meena). O mês de Seu Advento marca o início da Primavera no Hemisfério Norte (Vasanta Ritu). É o momento em que o Sol entra em Áries (Mesha Raashi)”.

² Deidade ou Espírito que se manifesta em consequência do ritual.

³ *Ramayathi iti Rama.*

alegria porque recordava a promessa feita por Dasaratha, de que seu filho seria coroado príncipe de Ayodhya. Ela pensava que seu filho reinaria sobre a terra de Bharat⁴. Com essa lembrança em mente, Vasishtha batizou aquela criança como Bharata. Desta maneira, a cerimônia chegou a uma feliz conclusão.

Os filhos de Kausalya e Kaikeyi comiam e dormiam regularmente e brincavam felizes em seus cercados. Ao contrário, os filhos de Sumitra só faziam chorar o tempo todo, dia e noite e não queriam se alimentar. Sumitra estava preocupada com o sofrimento de seus filhos. Quando ela mencionou isto ao Rei Dasaratha, foi consolada por ele, que disse: “Tudo acontece conforme a Vontade de Deus. Ore a Ele, que tomará conta de tudo.” O rei pouco poderia fazer para ajudar. Três dias se passaram e a situação permanecia a mesma. Sumitra não podia mais suportar o sofrimento das crianças e procurou Vasishtha, contando-lhe a respeito do problema. O Sábio fechou os olhos e sua visão Yogue permitiu que percebesse a verdade. Ele disse a Sumitra: “Como você ingeriu o creme oferecido por Kausalya, nasceu-lhe Lakshmana, que é uma parte de Rama. Do mesmo modo, Satrugna nasceu da porção de creme ofertada por Kaikeyi. Então, ele é uma parte de Bharata. Ponha Lakshmana ao lado de Rama e Satrugna junto com Bharata. Assim eles terão paz.” Sumitra cumpriu as instruções de Vasishtha. As crianças pararam de chorar e ficaram em paz. Todos suspiraram de alívio à vista do acontecido. À medida que os meninos cresciam, ficou muito claro para Sumitra que Lakshmana era uma parte de Rama e Satrugna uma parte de Bharata. Certo dia ela disse a Kausalya e Kaikeyi: “queridas irmãs, pode ser que um de seus filhos ascenda ao trono de Ayodhya no futuro. Eu não tenho tais ambições e fico feliz em ver meus filhos na companhia de seus irmãos mais velhos, servindo-os.” De fato, Lakshmana e Satrugna estavam sempre na companhia de Rama e Bharata, respectivamente. Eles serviam aos irmãos e viviam felizes desta forma. O Rei Dasaratha e as três rainhas ficavam muito felizes por ver esta unidade e harmonia entre seus filhos.

Nada é mais natural do que a felicidade e as dificuldades andarem juntas, uma seguindo a outra. O Rei Dasaratha passava seus dias felizes quando, certo dia, o Sábio Vishwamitra o visitou com um pedido que causou grande ansiedade ao rei. Vishwamitra disse: “Ó Rei! Eu quero que me faça um favor.” Sem pensar duas vezes, Dasaratha prometeu ajudá-lo. Então o sábio disse: “Decidi executar um ritual de sacrifício – um *Yajna* – e peço que você envie seu filho Rama para proteger o Yajna do ataque de demônios.” Dasaratha ficou em um dilema. Ele pensou: “Rama é muito jovem e inexperiente. Ele não conhece dificuldades. Como poderia eu mandá-lo para a floresta com o sábio? Como poderia ele lutar com cruéis demônios?” Quando expressou seus sentimentos para o sábio, Vishwamitra ficou furioso e disse: “Ó Rei! É uma grande ofensa recuar da palavra empenhada, pois ninguém da nobre linhagem de Ikshvaku até agora quebrou uma promessa. Você mancha a glória de seus antepassados ao quebrar uma promessa feita a mim.”

Dasaratha ficou assustado com as palavras de Vishwamitra, consultou o Sábio Vasishtha e acabou decidindo enviar Rama junto com o santo. Ele deixou tudo à Vontade de Deus. Convocou Rama à sua presença. Este surgiu com todo o seu valor e coragem. Como era natural, Lakshmana seguia Rama aonde quer que fosse. Assim, ele também compareceu diante de Dasaratha. Ninguém o havia convidado; ele veio por sua própria conta e sentou-se ao lado de Rama. Os sacerdotes cantaram Mantras para abençoar Rama e Lakshmana antes dos dois irmãos partirem com o Sábio Vishwamitra.

Quando chegaram às margens do Rio Sarayu, o Sábio disse: “Meus queridos! Este é um lugar sagrado. Por esta razão, devem realizar as suas orações diárias⁵ aqui.” Rama e Lakshmana ofereceram preces conforme as instruções do sábio. Eles fecharam os olhos e se sentaram em meditação por algum tempo. Então, Vishwamitra pensou que deveria ser muito difícil para príncipes reais, acostumados aos confortos do palácio, permanecerem acordados dia e noite vigiando o Yajna. Eles sequer poderiam pensar em comer, pois deviam manter-se constantemente alertas para combater os demônios. Foi então que o sábio lhes ensinou os Mantras Bala e Atibala, que lhes permitiria suportar sono e fome.

Vishwamitra, acompanhado de Rama e Lakshmana, chegou a Siddhasrama e começou a executar o Yajna. Rama e Lakshmana montaram guarda dia e noite, cantando os Mantras ensinados pelo sábio. Eles não sentiram fome alguma nem ficaram sonolentos. Estavam completamente alertas o tempo todo, em toda a sua exuberância e entusiasmo. De repente, surgiram os demônios sem suas formas

⁴ O Nome atribuído pelos indianos ao seu país. Os naturais de Bharat (com acento no 1º a) são os Bharathias (com acento no ã).

⁵ Sandhya (crepúsculo, escuridão) Vandana (adoração, reverência) – reverência diária feita às margens de um rio sagrado, como se fosse um banho matinal.

assustadoras, tentando interromper o Yajna. Eles produziam sons ensurdecedores, mas os príncipes permaneciam imperturbáveis. Eles combateram os demônios com coragem e valor, derrotando-os por fim. Vishwamitra estava muito satisfeito por haver conseguido completar o Yajna sem qualquer interrupção. Ele derramou seu amor e suas bênçãos sobre Rama e Lakshmana.

Enquanto isso, chegou uma carta de Janaka, o Rei de Mithila, convidando o sábio para participar de um Yajna. Vishwamitra disse aos príncipes: “Meus queridos! Recebemos um convite do nobre Rei Janaka. Estou a caminho de Mithila e desejo que vocês dois me acompanhem.” A princípio, Rama não estava inclinado a fazer esta viagem e disse a Lakshmana: “Querido irmão mais novo, nosso pai nos instruiu a seguir o Sábio Vishwamitra para proteger seu Yajna. Não temos a permissão dele para visitarmos Mithila e participarmos do Yajna realizado pelo Rei Janaka.” Quando esse argumento foi levado a Vishwamitra, este os convenceu, dizendo: “Meus amados, seu pai lhes ordenou que me seguissem e é dever de vocês me acompanharem aonde quer que eu vá.” Os príncipes não tiveram opção senão obedecer a Vishwamitra.

A chegada de Rama e Lakshmana a Mithila causou sensação. As pessoas os admiravam e falavam a respeito deles. Enquanto caminhavam pelas ruas, atraíam a atenção de todos. “Quem eram aqueles belos príncipes? Eles parecem fortes e corajosos. Será que vieram para se casar com as filhas do Rei Janaka?” Assim, as pessoas falavam entre si. Eles chegaram ao palácio real reservado para seu descanso e se instalaram. O Yajna deveria começar no dia seguinte. Foi preparada uma recepção para a qual os galantes heróis foram convidados. A intenção era verificar se alguém conseguiria dobrar o arco de Shiva. O vitorioso poderia conquistar a mão de Sita, filha do Rei Janaka. Um a um, os príncipes tentaram erguer o arco de Shiva e retornaram aos seus assentos humilhados. Atendendo ao chamado de Vishwamitra, Rama gentilmente caminhou em direção ao arco e o ergueu com a sua mão esquerda. Houve um aplauso estrondoso. Quando ele curvou o arco para colocar a corda, ele se quebrou com um som trovejante. Sita foi trazida ao recinto usando uma guirlanda. Então, Vishwamitra perguntou a Rama se ele estaria disposto a se casar com Sita. Ele estava pronto a realizar qualquer tarefa pedida pelo Sábio, mas certamente não estava preparado para o casamento. Rama ofereceu suas reverências a Vishwamitra e respondeu educadamente: “Swami! Você nos trouxe consigo para salvar seu Yajna e não para officiar nosso casamento. Eu não pensaria em casamento a menos que tivesse o consentimento de meu pai.” O sábio estava em um dilema. Houve um silêncio absoluto na assembléia. Todos se surpreenderam com a resposta de Rama. Ele estava firme em sua resolução. Em consequência disto, o Rei Janaka enviou mensageiros acompanhados de alguns discípulos de Vishwamitra com um convite ao Rei Dasaratha. Os discípulos de Vishwamitra narraram tudo que havia acontecido a Dasaratha. O rei, as rainhas e o povo de Ayodhya se encheram de alegria e júbilo com a perspectiva de casamento entre Rama e Sita. Dasaratha, acompanhado de suas rainhas, de Bharata e Satrugna e de uma comitiva, chegou a Mithila.

As mulheres seguiram em procissão ao local do matrimônio transbordando de alegria, cantando para convidar todos a testemunharem o casamento celestial de Sita e Rama.

*Todos são bem-vindos ao casamento de Rama;
juntos, vamos testemunhar esse alegre acontecimento.
Muitos já se reuniram ali, paramentados em todo o seu esplendor.
As damas usam colares de jóias puras e brilhantes.
Rama e Sita casar-se-ão hoje: que belo casal eles formam!
O Pai Dasaratha dará uma festa luxuosa.
Todos os sábios eruditos reuniram-se sob a presidência de Vasishtha.
Oh, que grande multidão está reunida para festejar,
com os corações transbordantes de alegria.
A união do sagrado casal Rama e Sita é uma rara visão.
Esta cena conferirá grande mérito.
Rama se parece com a lua cheia e Sita é o seu espelho.
O compassivo Rama que a todos ama, concederá sua graça a cada um de nós.
Venham correndo assistir ao sagrado casamento de Rama e Sita*

(Canção em Télugo)

Os homens também se juntaram aos festejos, em êxtase, cantando assim:

*Vamos juntos assistir ao casamento de Rama e Sita,
Visão que nos conferirá grande mérito.
As vidas daqueles que virem este matrimônio serão santificadas.
Oh, venham todos testemunhar o sagrado enlace.
Rama, montando um elefante, brilha em todo o seu esplendor.
Mãe Sita vem a Seu lado,
Seus irmãos estão a serviço do casal.
Sita e Rama sorriem e perguntam pelo nosso bem-estar.
O que mais poderíamos desejar?
Venham! Vamos juntos testemunhar o sagrado casamento de Rama e Sita*

(Canção em Télugo)

Sita era filha adotiva de Janaka. Ele tinha outra filha, chamada Urmila. Seu irmão Kushadwaja tinha duas filhas, chamadas Mandavi e Srutakirthi. Com o consentimento do Rei Dasaratha, foi decidido que as quatro noivas seriam dadas em matrimônio aos quatro irmãos. Dasaratha ficou feliz pelo fato de que os quatro irmãos nascidos no mesmo dia estivessem se casando no mesmo dia e na mesma hora. A cerimônia de casamento foi celebrada com toda a grandiosidade.

As doces notas de uma melodia auspiciosa reverberavam no ar. Os sacerdotes Védicos cantavam os Mantras sagrados em voz alta, abençoando os casais. O Rei Dasaratha derramava lágrimas de alegria. Todos estavam repletos de bem-aventurança divina, assistindo o ritual de casamento. É costume, nessa ocasião, que o noivo e a noiva troquem guirlandas. Sita deveria ser a primeira, colocando a guirlanda em Rama, antes das outras noivas fazerem os mesmos com seus consortes. Sita, sendo de pequena estatura, não conseguia alcançar Rama, que era muito alto. Ele teria que se curvar diante dela, mas não queria fazê-lo para não dar às pessoas motivo para dizer que Ele não estava respeitando a honra de Sua linhagem. Incapaz de colocar a guirlanda em Rama, Sita ficou segurando o colar por um longo tempo. Há um segredo nesta atitude de Rama. Lakshmana era a encarnação de Adisesha⁶, que carregou a Mãe Terra em seu capelo. Rama olhou para ele como se dissesse: “Olha, porque você não ergue o solo abaixo de Sita para que ela consiga colocar a guirlanda em mim?” Então, Lakshmana indicou que não poderia erguer um ponto em particular; se tentasse erguer aquela porção de terra onde Sita estava de pé, todos os outros, inclusive Rama, seriam erguidos simultaneamente. Dotado de grande inteligência, Lakshmana pensou em um plano para resolver o problema. De repente, lançou-se aos pés de Rama e ficou ali, curvado, por um longo tempo. Rama teve que se curvar para erguer Lakshmana e Sita aproveitou a oportunidade, colocando rapidamente a guirlanda no pescoço de seu noivo. As outras três noivas repetiram o gesto com seus maridos e os quatro irmãos brilharam como se fossem pedras preciosas. Os presentes derramaram lágrimas de alegria vendo o grande espetáculo.

Enquanto retornavam a Ayodhya, ouviram um som alto e assustador. Rama instruiu Lakshmana para se preparar para a batalha. Parasurama⁷ surgiu em cena e desafiou Rama, dizendo: “O Rama! Ouvi dizer que você quebrou o arco de Shiva. Isto nada significa, pois ele não era difícil de ser erguido. Se você é realmente forte, deve quebrar esta minha arma. Assim dizendo, Parasurama atirou seu arco aos pés de Rama. Este, calmamente pegou o arco e o partiu. Parasurama imediatamente lançou-se aos pés de Rama. As pessoas de Ayodhya receberam alegremente os recém-casados. No portão principal, Kausalya, Sumitra e Kaikeyi receberam os noivos com o Mangalarati⁸, levando-os para dentro em seguida. Toda a cidade de Ayodhya estava enfeitada e todos os seus habitantes festejaram a ocasião.

Hoje, todos estão celebrando o casamento de Sita e Rama. Entretanto, após ter-se casado, Rama precisou enfrentar muitos desafios, aos quais superou com coragem. Ele dizimou as forças demoníacas.

⁶ Adi – primeira; Sesa – serpente. Serpente mitológica primordial que sustenta a Terra em seu capelo. É uma provável alegoria à Via Láctea. O Senhor Vishnu, do qual Rama é um Avatar, é representado reclinado sobre esta serpente.

⁷ Um Avatar parcial de Vishnu que encarnara antes, para proteger os sábios Védicos. Diz-se que, nesse ato, Parasurama entregou seus poderes a Rama, para que este pudesse, mais tarde, usá-los na batalha final contra Ravana e os demônios da Ilha de Lanka.

⁸ *Mangala* = Fórmula sagrada com a qual se abre um trabalho qualquer (originalmente empregada só em obras literárias), para atrair as bênçãos celestiais. *Arathi* = Ritual de entrega ao fogo. Neste ritual, o oficiante (na história, as rainhas), enquanto canta ou recita a fórmula (*Mangala*), gira um recipiente contendo um material em chamas (hoje em dia se usa a cânfora), em frente a uma imagem divina, num gesto simbólico de revelação da divindade a quem testemunha o ato, ou, também, em frente a uma pessoa, sendo que, nesse caso, a intenção é abençoá-la e protegê-la do mal. Também se costuma fazer este ritual ao abrir estabelecimentos comerciais, etc., com a mesma intenção de invocar proteção.

Lakshmana foi a sua arma principal. Com sua ajuda, Rama saiu vitorioso da batalha com os demônios. Varias vezes Ele louvou seus irmãos, dizendo: “Meus irmãos são maiores do que Eu. Devo minha vitória a eles. Fui capaz de derrotar os inimigos devido à força da unidade que existe entre nós.” As vidas de Rama, Lakshmana, Bharata e Satrugna demonstraram o ideal da irmandade para o mundo inteiro. Essa fraternidade ideal não é encontrada hoje em dia. Muitos eventos maravilhosos ocorreram na vida do Senhor Rama.

*As histórias do Senhor Vishnu são maravilhosas.
Elas purificam as vidas das pessoas de todos os três mundos.
Elas são como foices que cortam as ervas daninhas do apego mundano
São como boas amigas que nos auxiliam nos momentos de necessidade.
Elas são abrigos para os sábios e santos, em suas penitências nas florestas.*

(Poema em Télugo)

Não é suficiente celebrar o Rama Navami como o nascimento do Senhor Rama. Vocês devem compreender o propósito de Seu nascimento e praticarem os ideais que Ele demonstrou. Rama Kalyana não significa o casamento de Rama e Sita no nível físico. Rama Kalyana é *Atma Kalyana*; significa a fusão da Alma Individual – *Atma* com a Alma Universal – *Paramatma*. O Ramayana não é a história de um indivíduo. Rama simboliza o Espírito Cósmico e Universal.

Traduzido a partir do original em inglês constante da página da Organização Sai da Índia: www.srisathyasai.org.in

Niterói, 27 de maio de 2005